

"A fotografia implica precisamente na profundidade de campo no espaço plano, conceitual, geométrico, e provoca tanto o efeito da vertigem como o do espelho, da transparência, da lucidez. Não surpreende portanto que Geraldo de Barros, mestre incontestável da arte concreta brasileira, tenha sido seduzido pelo reflexo que supõe e impõe a fotografia, nos dois sentidos do termo."

Charles Henri Favrod

"Geraldo de Barros, com trinta anos, já tinha realizado uma carreira de muita envergadura. Fui imediatamente seduzido por sua força criativa e fiquei muito impressionado com sua pesquisa fotográfica, que realizava paralelamente à sua pintura. Em um país ainda isolado das grandes correntes internacionais, ele inovava."

Max Bill



Geraldo de Barros morreu no dia 17 de abril deste ano, aos 75 anos de idade, quando celebrava um reencontro com a fotografia

Geraldo de Barros (1923 - 1998)

A fotografia abstrata pode atingir alturas musicais

William Costa
Editor de Cultura

A INAUGURAÇÃO de um projeto como o Lame-Lambe 98, por obra e graça dos profissionais da Agência Ensaio, é sempre um momento oportuno para lembrar fatos ou personagens que, em diferentes épocas e lugares, contribuíram para a ampliação dos horizontes conceituais da fotografia no Brasil. Através da ação presente de jovens talentos, a exemplo de Ricardo Peixoto, João Lobo, Gustavo Moura e Roberto Coura, vislumbram-se - na tela do passado - as lições de paraibanos como José Lyra e Eduardo Stuckert, e - no plano nacional - o pioneirismo do paulista Geraldo de Barros.

Talvez em função da tradicional falta de memória do povo brasileiro - mito este, por sinal, bastante discutível, - os jovens expositores do Lame-Lambe, em que pese a excelente qualidade de muitos dos trabalhos classificados, possivelmente desconhecem a importância das pesquisas de linguagem e da ousadia construtivista desenvolvidas por Geraldo de Barros a partir dos anos 40, atividades estas que, de tão inovadoras, renderam ao artista o status de "iniciador da moderna fotografia brasileira".

Quis uma benfeazeira conjunção astral que, tanto no passado quanto no presente, o nome de Geraldo de Barros estivesse vinculado à realidade paraibana. Se este contato entre o revolucionário paulista e os fotógrafos paraibanos não se tornou possível no plano físico e em geografia local, por outro lado, e sob o comando das mãos invisíveis do destino, a influência de suas experiências for-

mais e de suas conquistas técnicas espalharam-se pelo mundo afora alicerçada no apoio inicial que ele recebeu de um paraibano - Assis Chateaubriand - e de um meio-paraibano - Mário Pedrosa.

Hoje, como se fora uma representação epifânica do legado de Geraldo de Barros, encontra-se em João Pessoa, integrando a equipe de artistas estrangeiros do projeto Laboratório, uma das filhas do precursor da "fotografia de autor", a também artista plástica e jornalista Fabiana de Barros. Assim, neste Dia Nacional da Fotografia, passado e presente se unem numa só realidade; e a história parece encerrar um de seus mais fecundos ciclos, no campo da arte.

Geraldo de Barros (1923-1998) é um dos mais ilustres representantes da arte concreta no Brasil. No final dos anos 40, quando nem a crítica nem os fotógrafos reconheciam a interferência do autor para a obtenção de resultados estéticos não-convencionais nesta área, o artista iniciava suas experiências inusitadas a partir de solarizações, registros gestuais nos negativos, recortes, colagens, estereocópias e anaglifos.

Com a sua inseparável Rollei-flex modelo 1939 à tira-colo, Geraldo de Barros construía imagens fotográficas abstratas, canalizando toda a sua atenção para a forma. Desse modo, num trabalho solitário e obstinado, retocava e rabiscava sobre os negativos, numa zelosa desconstrução do figurativismo acadêmico então em voga no Brasil. Geraldo de Barros acionou o primeiro sinal vermelho junto à crítica especializada em 1950, ao inaugurar, no Museu de Arte de São Paulo (Masp) a exposição *Fotoformas*, em cujo acervo constavam os tra-

balhos produzidos desde 1946. Com *Fotoformas*, Geraldo de Barros também se despedia da paixão maior de sua vida: a fotografia, abrindo todo o seu ser para a pintura.

A mostra no Masp atraiu a curiosidade de um dos homens mais poderosos do Brasil, à época: o jornalista Assis Chateaubriand, o monarca absoluto dos *Diários Associados*. Chateaubriand, no estilo enfático que lhe era peculiar, foi taxativo na abordagem que fez ao fotógrafo: "Ofereço-lhe uma passagem para você ir estudar nos Estados Unidos". Geraldo de Barros ponderou que, por ser pintor, e não só e simplesmente fotógrafo, desejaria mesmo era estudar na França. "Passe em meu escritório para pegar sua passagem", rebateu o jornalista. Foi um Geraldo de Barros meio cabreiro quem, na data combinada, bateu à porta do escritório de Chateaubriand para pegar o bilhete de companhia aérea. E lá estava o "Rei do Brasil", na exemplar definição do escritor Fernando Moraes, com a passagem, devidamente marcada - e quitada -, sobre sua escrivinha.

Na capital francesa, Geraldo de Barros foi aluno de gravura na conceituada Escola Superior de Belas Artes, onde conviveu com artistas de uma geração ilustre, à qual pertencia, entre outros nomes, Cartier-Bresson e François Morellet. A experiência europeia oxigenou a veia criativa e detonou um ímpeto participativo em Geraldo de Barros. De volta ao Brasil, o artista fundou o grupo concretista Ruptura (cuja importância pode ser mensurada pela condição de verbete que alcançou nas mais conceituadas enciclopédias nacionais) tomando posição de desta-

que junto a criadores como Waldemar Cordeiro e Luís Sacilotto. Ampliando o raio de ação também pelo terreno das artes gráficas, Geraldo de Barros criou, em 1954, a comunidade de trabalho Unilabor e, três anos depois, instalou o grupo Formiform, culminando, no apagar das luzes do Estado democrático (1964) com a implantação da Objeto Indústria de Móveis.

Seduzido pelos fenômenos pára-artísticos da sociedade industrial, Geraldo de Barros, em meados da década de 60, junta-se a Wesley Duke Lee e Nelson Leirner e corporificam o grupo Rex Time, estabelecendo um novo parâmetro em seu trabalho com a absorção de elementos estéticos da por art. Estavam definidas, enfim, as três correntes principais de sua arte: o concretismo, a Gestalt (a quem fora "apresentado" pelo crítico pernambucano Mário Pedrosa) e a pop art.

História e vida - De tanto gerar vida (o que é a arte em sua mais alta definição?), Geraldo de Barros acabou por driblar a fatalidade da morte. Desde a década de 50, precisamente quando ingressou na Escola Superior de Belas Artes, em Paris, o artista mantinha a aparentemente inquebrantável promessa de não mais incursionar pela floresta de negativos e positivos.

Neste final de década, de século e de milênio, porém, mesmo alquebrantado por uma isquemia cerebral que deixou inerte o lado direito de seu corpo, Geraldo de Barros empreendeu o último encontro com sua eterna musa. Dirigindo com paciência budista sua reduzida autonomia motora, o artista iniciou uma nova fase em sua obra fotográfica, utilizando, como



A Menina do Sapato, de 1949, é um dos trabalhos que melhor representam as técnicas de solarização, recorte, colagem, sobreposição e intervenção gestual nos negativos e positivos, desenvolvidas por Geraldo de Barros

matérias-primas, sobras de negativos e positivos, recortados e rearrumados sobre uma placa de vidro. Estava de volta o talento singular do criador revolucionário: as colagens seriam impressas com o uso de um scanner especial, cujo ineditismo reside no fato de possibilitar a reprodução do negativo e do positivo simultaneamente.

Geraldo de Barros conseguiu saborear, ainda em vida, o enorme sucesso que esses trabalhos, reunidos sob o título de *Sobras*, desfrutaram na Bienal de Veneza de 1986 e na exposição realizada em Glaurus, na Suíça. Entre fevereiro e março deste ano, o nome de Geraldo de Barros ilustrou os convites da mostra *Traces of Glasse*, inaugurada na Sicardi-Sanders Gallery e na Fotofest, em Houston, nos Estados Unidos. Em julho passado, uma mostra itinerante da obra de Geraldo de Barros aportou no Kunstmuseum de Wolfsburg, na Alemanha, seguindo, posteriormente, para o Reino Sofia, em Madri, na Espanha.

Arte longa, vida breve. Geraldo de Barros faleceu de embolia pulmonar no dia 17 de abril deste

ano. Seu nome e sua obra, no entanto, foram moldados em material não perecível à ação do tempo. No próximo ano, o Musée de l'Elysée, de Lausanne, na França, juntamente com o Ludwig Museum, de Colônia, na Alemanha, inauguram uma das mais completas mostras dos trabalhos de Geraldo de Barros, coincidentemente ou não, de natureza retrospectiva.

Enquanto as obras de Geraldo de Barros vão encantando o público de diferentes regiões do globo, de Milão a Zurique, de Genebra a Lausanne, Fabiana de Barros inicia uma minuciosa recuperação dos negativos originais de seu pai no Musée de l'Elysée, que detém um acervo composto de aproximadamente 300 fotografias do artista, como também na Fundação Suíça para a Restauração e a Conservação do Patrimônio Fotográfico - Laboratório La Chambre Claire.

As casas que Geraldo de Barros construía no ar com o dedo indicador, como se viu, nem eram castelos de areia, nem moínhos de vento. Eram signos concretos da mais bela construção do homem: a linguagem artística.